

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 29/09/2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campos São Paulo

ADRIANA UEMORI

COMITÊ DAS CRIANÇAS:
vozes sobre a participação

São Paulo

2021

ADRIANA UEMORI

**COMITÊ DAS CRIANÇAS:
vozes sobre a participação**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Arte e Educação.

Linha de pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.
Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho

São Paulo

2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pela autora.

U22c	Uemori, Adriana, 1981- Comitê das crianças : vozes sobre a participação / Adriana Uemori. - São Paulo, 2021. 365 f. : il. color. + anexos Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Autonomia em crianças. 2. Percepção social em crianças. 3. Políticas públicas. I. Palma Filho, João Cardoso. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 320.6
------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ADRIANA UEMORI

COMITÊ DAS CRIANÇAS:

vozes sobre a participação

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Arte e Educação.

Linha de pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.
Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho

Dissertação aprovada em 29/09/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho
Instituto de Artes – UNESP – Orientador

Prof. Dr. Pio de Sousa Santana
FAMOSP – Faculdade Mozarteum de São Paulo

Prof. Dr. Roger Marchesini de Quadros Souza
Faculdade de Educação – USP

Dedico este trabalho a todos que colaboraram para que hoje eu fosse uma pessoa com menos certezas, mas muitas, muitas, muitas perguntas... Dúvidas que instigam minha vontade de aprender, de viver e de ser, a cada dia, alguém melhor... um ser em construção... uma pessoa em busca de realizações e de novas experiências.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é algo a cultivar não só nas palavras, mas como busca, uma forma de reconhecer as conquistas somente possíveis por contar com tantas pessoas marcantes que encontramos pelos caminhos.

À UNESP, importante instituição, que representa o ensino superior público, na qual pude frequentar as aulas como ouvinte, aluna especial e mestranda, tendo me encantado com o Instituto de Artes, em pleno centro paulistano, com suas obras e a atmosfera altamente criativa.

Ao Professor Palma, meu querido orientador, exemplo de docente em que a coerência é presente em seu discurso, ações e lutas. Quanta admiração tenho pela sabedoria que compartilha de maneira tão atual e contextualizada.

Aos participantes do GPPC-Artes, que durante as reuniões expuseram pontos de vista, apresentando novos repertórios às minhas reflexões sobre educação e política. Como é marcante a necessidade da fundamentação para compor com mais aprofundamento nossos discursos.

À Unidade de Gestão de Educação de Jundiaí-SP, em especial à gestora Vastí e à diretora do Departamento de Educação Infantil Thaís, por me abrirem portas ao campo de pesquisa e sempre incentivarem minhas buscas.

Aos educadores com quem tive o privilégio de seguir essa caminhada que é a Educação. As boas práticas que realizam nas escolas me inspiram a olhar nosso fazer com grande responsabilidade social.

Aos participantes do *GT Criança na Cidade*, composto por representantes de vários setores, pelas entrevistas cedidas de maneira tão generosa como também por me acolherem no grupo de trabalho.

Aos mediadores do *Comitê das Crianças*, Marcelo e Regiane, por compartilharem a experiência de conduzir de maneira tão sensível o processo com os pequenos representantes. Aprendo com vocês a cada reunião e a cada desafio vivido. Não é fácil, mas tem-se mostrado muito importante e realmente possível.

Aos familiares e, principalmente, às crianças representantes do *Comitê*, por me receberem de maneira virtual em suas casas para as entrevistas e por cederem fotos, desenhos e outros registros, entendendo o valor da pesquisa.

À minha família, principalmente ao meu Amore por sempre me acarinhar com gestos de bem-querer, e ao meu pai por desenvolver em mim o valor dos estudos.

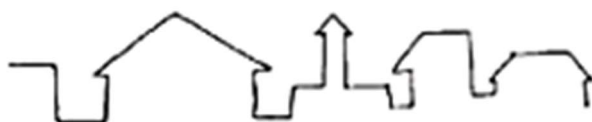
Aos meus amigos que me apoiaram, alguns com conhecimentos e ajuda técnica, outros com carinho e incentivo, entendendo os períodos de ausência e dedicação a este trabalho.

Às crianças que passaram pelos meus caminhos e mantiveram vivos em mim a vontade de aprender e conhecer, a imaginação, a esperança e o compromisso com o outro. Vocês são a grande razão de tudo isso.

AGORA QUE TERMINAMOS AS
LIÇÕES, VOCÊS DEVEM
TRABALHAR SOZINHOS, SER
AUTORES E NÃO ESPECTADORES...
VAMOS FAZER UMA
PESQUISA



PARA AMANHÃ, CADA UM
FARÁ UMA PESQUISA
SOBRE A ...
MESOPOTÂMIA



A Mesopotâmia é uma
região bla bla bla bla
delimitada bla bla bla por
dois rios bla bla o Tigre
e o Eufrates bla bla
habitada pelos assírios
bla bla bla bla bla ...



Uemori, Adriana. **COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, São Paulo, 2021.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa sobre a escuta infantil, na qual buscamos entender a participação das crianças, tecendo uma análise sobre como os adultos a entendem e se envolvem nesse processo. Questionamos se as proposições infantis podem encontrar espaço de validação em ações de políticas públicas. Para isso, recorreremos às temáticas presentes nos textos e nos desenhos de Francesco Tonucci (Frato), idealizador do projeto *Cidade das Crianças*, problematizando a urbanização, o medo e a superproteção gerados pela especialização das cidades, a limitação da convivência e o afastamento dos diferentes. Em contraposição, descrevemos iniciativas que veem nas crianças referência para mudanças e relacionamos o conceito de participação com o próprio entendimento de democracia e de cidadania, trazendo os tipos e níveis participativos que vão desde a manipulação até a participação efetiva. Como campo de pesquisa, apresentamos o *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP como um laboratório sobre a participação. Devido às limitações geradas pela pandemia da Covid-19, foi necessário realizar adaptações dos instrumentos de coleta e da metodologia em si. Durante a pesquisa, compreendemos a importância de dar visibilidade a concepções que veem nas crianças a potência de atuação e referências que podem favorecer a todos pelo avanço da autonomia e da escuta, considerando as características das infâncias, como a expressão pelas múltiplas linguagens. As reflexões tiveram como principal referencial Tonucci (2010), Malaguzzi (1999) e Freire (1996).

Palavras-chave: Participação. Análise de discurso. Escuta infantil.

Uemori, Adriana. **COMITÉ DE LOS NIÑOS: voces sobre participación**. Tesis de maestría presentada al Programa de Posgrado en Artes del Instituto de las Artes de la Universidad Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita”, São Paulo, 2021.

RESUMEN

Se trata de una investigación sobre la escucha de los niños, en la que buscamos comprender la participación de los niños, tejiendo un análisis de cómo los adultos comprenden y se involucran en este proceso. Nos preguntamos si las propuestas de los niños pueden encontrar un espacio de validación en las acciones de política pública. Para ello, recurrimos a temas presentes en los textos y dibujos de Francesco Tonucci (Frato), creador del *proyecto Ciudad de los Niños*, problematizando la urbanización, el miedo y la sobreprotección generados por la especialización de las ciudades, la limitación de la convivencia y el alejamiento de diferentes . En cambio, describimos iniciativas que ven a los niños como un referente para el cambio y relacionan el concepto de participación con la propia comprensión de la democracia y la ciudadanía, trayendo los tipos y niveles de participación que van desde la manipulación hasta la participación efectiva. Como campo de investigación, presentamos el *Comité de Niños* de Jundiaí-SP como un laboratorio de participación. Debido a las limitaciones generadas por la pandemia Covid-19, fue necesario adecuar los instrumentos de recolección y la metodología en sí. Durante la investigación entendimos la importancia de dar visibilidad a concepciones que ven en los niños el poder de acción y referentes que pueden favorecer a todos a través del avance de la autonomía y la escucha, considerando las características de la infancia, como la expresión a través de múltiples lenguajes. Las reflexiones tuvieron como principal referencia a Tonucci (2010), Malaguzzi (1999) y Freire (1996).

Palabras clave: Participación. Análisis del discurso. Escucha de los niños.

LISTA DE FOTOS

1 – Pesquisadora Criança	18
2 e 3 – Exposição do Projeto em Congresso	21
4 – Cas Holman e uma de suas criações	23
5 – Gangorra na Fronteira	23
6 a 9 – Bebês em visita ao Museu Solar do Barão – Jundiaí-SP	37
10 – Acesso à cultura	38
11 – Mojolo	38
12 – Jardim do Museu	39
13 – Sorteio dos representantes 2020	83
14 – Reunião do <i>Comitê das Crianças</i> – 2020 pelo Zoom	99
15 – Animais de estimação	100
16 – Apresentando a irmã	100
17 – Mostrando um desenho	101
18 – Gestos que se repetem	101
19 – Uso das tecnologias	101
20 e 21 – Crianças do <i>Comitê</i> brincando nas árvores	110
22 – Criança do <i>Comitê</i> em campanha do trânsito seguro	120
23 – Criança do <i>Comitê</i> em divulgação do Plano de Bairro	122
24 – Identidade visual - Projeto Pé de Infância	123
25 – Desafios	134
26 – Reunião para entrega de carta ao prefeito	137
27 – Brinquedo aquático.....	138
28 – Cápsula do tempo	138
29 – Desafios no parque	139
30 – Superação de desafios.....	140
31 e 32 – Desafios para crianças e adultos	141
33 – Formação de educadores	152
34 – Reunião para entrevista	153
35 – Oficina	162
36 – Reunião com crianças suplentes do <i>Comitê</i>	169
37 e 38 – Plantio e lançamento do projeto Pé de Árvore	173
39 – Construindo mapa de representantes por região.....	174
40 – Live Semana do Brincar	176
41 – Pintura	177
42 – Plantio	177
43 – Conferência – Teatro Municipal de Reggio Emília	178
44 – Representante de rua	Anexo C
45 – Cavalete Ruas de Brincar	Anexo C
46 e 47 – Aviação no Paço Municipal	Anexo E

48 – Reunião do <i>Comitê das Crianças</i>	Apêndice I
49 – Sarau do <i>Comitê das Crianças</i>	Apêndice I
50 a 52 – Medindo alturas	160
53 – Reunião do <i>Comitê das Crianças</i>	Apêndice I
54 – Contextualização antes da oficina	Apêndice I
55 – Oficina Remota	Apêndice I
56 – Entrevista	Apêndice I
57 – Prestação de contas	Apêndice I
58 a 66 – Visita ao Mundo das Crianças	Apêndice I
67 – Reunião para Plano de Bairros	Apêndice I
68 – Entrevista	Apêndice I
69 – Reunião	Apêndice I
70 – Demarcação de trânsito	Apêndice J
71 a 76 – Visita de diretora de documentário	Apêndice J
77 – Foto aérea do local do Mundo das Crianças	Apêndice J

LISTA DE FIGURAS

1 – Terracita	35
2 – Graus de participação de Bordenave	61
3 – Escada da participação de Arnstein	62
4 – A criança que é sempre vista de cima	70
5 – Desenho feito por CCC-15	112
6 – Desenho feito por CCC-07	112
7 – Cartaz com desenhos feito por CCC-16	113
8 – Colagem feita por CCC-05	113
9 – Desenho feito por CCC-11	114
10 – Poesia 2020 composta por CCC-02	114
11 – Desenho de CCC-17: monstrolha Lalara	115
12 – Desenho de CCC-10: jardim sensorial	145
13 – Desenho de brinquedo inclusivo	147
14 – Desenho de brinquedo com engrenagens	147
15 – Desenho de CCC-09: girador	147
16 a 19 – Desenhos de Monstros	151
20 – Placa Ruas de Brincar	Anexo C
21 – Folder de divulgação das inscrições	Anexo D
22 – Desenho Love	Apêndice I
23 – Desenho Mundo triste.....	Apêndice I
24 e 25 – Desenhos Flores	Apêndice I
26 e 27 – Desenhos Mangás	Apêndice I
28 – Desenho Jundiaí	Apêndice I
29 – Desenho Arara	Apêndice I
30 – Desenho Oriental	Apêndice I
31 – Desenho Reciclagem	Apêndice I
32 – Desenho Universo	Apêndice I
33 a 49 – Desenhos Brinquedos inclusivos	Apêndice I
50 e 51 – Desenhos Personagens	Apêndice I
52 a 67 – Desenhos de Monstros	Apêndice I
68 – Folder da oficina	Apêndice I
69 – Capa do Plano de Bairro	Apêndice J
70 – Portaria do Mundo das Crianças	Apêndice J
71 – Projeto - curvas de nível	Apêndice J
72 – Capa da apresentação Entre a Casa e a Escola	Apêndice J
73 – Capa do Plano Nacional pela Primeira Infância	Apêndice J

LISTA DE MAPAS

1 – Divisão Regional de Jundiaí-SP – Plano Diretor	82
2 – Parque Mundo das Crianças	139
3 – Propostas organizadas pelas crianças com post-it	142
4 – Propostas feitas pelas crianças no aplicativo Mentimeter	142
5 – Recorte com pedido de criança do <i>Comitê</i>	143

LISTA DE QUADROS

1 – Crianças participantes do “ <i>Comitê das Crianças - 2020</i> ”	85
2 – Responsáveis pelas crianças participantes do “ <i>Comitê das Crianças - 2020</i> ”	86
3 – Mediadores do “ <i>Comitê das Crianças - 2020</i> ”	87
4 – Técnicos do <i>GT “Criança na Cidade - 2020”</i>	88
5 – Relação dos participantes com a cidade	90
6 – Síntese das aproximações e afastamentos entre Análise de Conteúdo e de Discurso	94

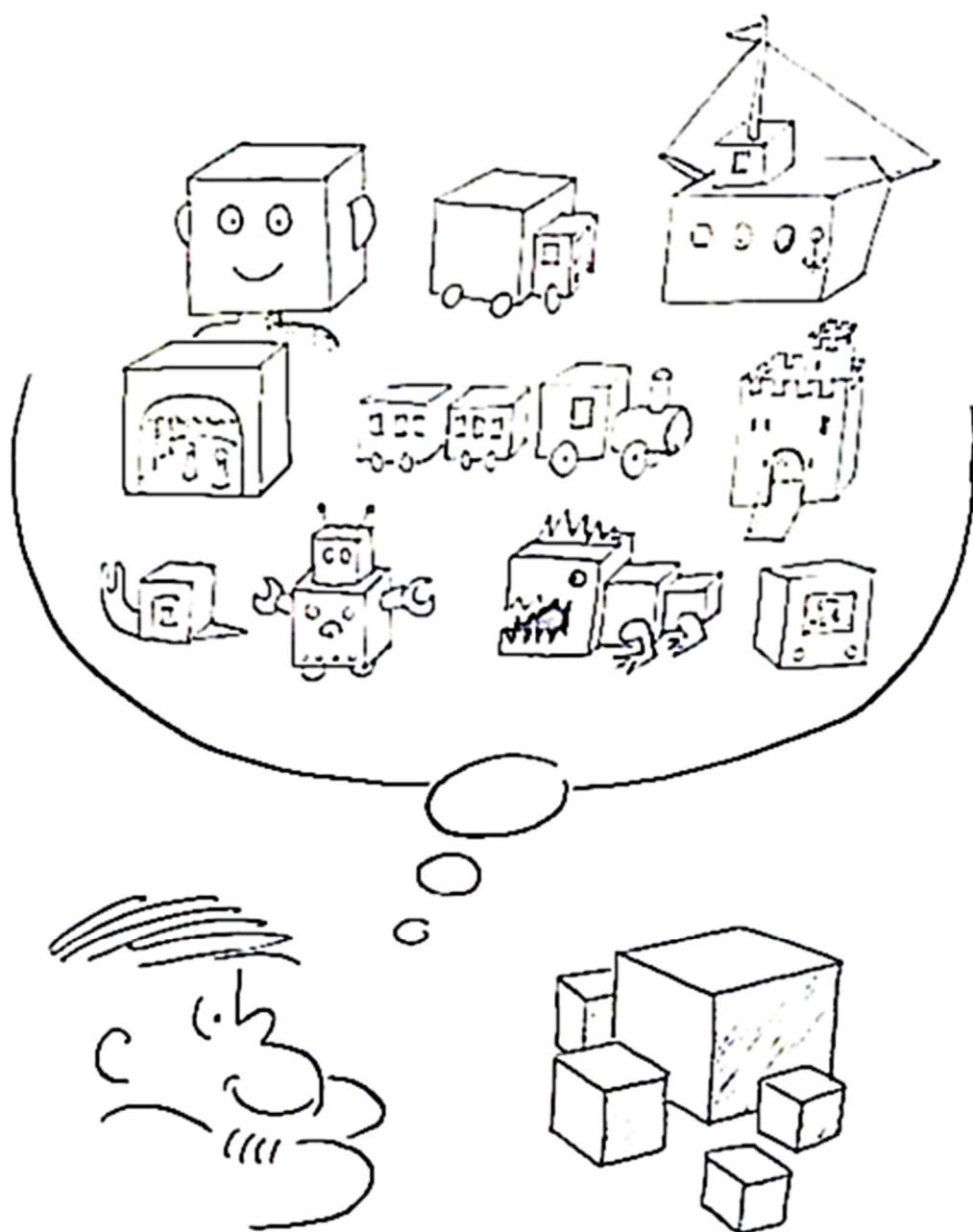
ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
CCC	Criança do Comitê das Crianças
IA	Instituto de Arte
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
EUA	Estados Unidos da América
GT	Grupo de Trabalho
GPPC-Artes	Grupo de Pesquisa de Políticas Curriculares de Artes
MCC	Mediador do Comitê das Crianças
PPG	Programa de Pós-Graduação
RCC	Responsável por Criança do Comitê
SP	São Paulo
TALE	Termo de Assentimento de Livre Escolha
TCC	Técnico na <i>Cidade das Crianças</i>
TCLE	Termo de Consentimento de Livre Escolha
UGE	Unidade de Gestão de Educação
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A CIDADE E AS CRIANÇAS	30
2.1 PROJETO <i>CIDADE DAS CRIANÇAS</i>	41
2.2 PROJETO <i>CIDADE DAS CRIANÇAS</i> EM JUNDIAÍ-SP	47
3 A PARTICIPAÇÃO E AS CRIANÇAS	50
3.1 TIPOS E NÍVEIS DE PARTICIPAÇÃO	61
3.2 A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	65
3.3 PROJETOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	75
4 O <i>COMITÊ</i> E AS CRIANÇAS – pesquisa de campo	77
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	80
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO	82
4.3 PERCURSO DA PESQUISA	83
4.3.1 Caracterização dos sujeitos	85
4.3.2 Instrumentos de coleta de dados	89
5 AS CRIANÇAS VÊM NA FRENTE?	92
5.1 ANÁLISE DE DADOS	98
5.1.1 As crianças e a cidade?	103
5.1.2 As crianças e a participação?	127
5.1.3 As crianças e o <i>Comitê</i> ?	142
5.2 A ESCUTA E A AUTONOMIA	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS	
ANEXOS	
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO



Nos caminhos de desenvolvimento desta pesquisa, vemos *as crianças* como centro de interesse e investigação. Talvez por isso mesmo a insistência de colocá-las em todos os títulos. Nosso olhar em foco desloca-se para esses sujeitos que estão presentes tanto fisicamente como em algum lugar da nossa própria experiência. O pensamento infantil demonstra o desenvolvimento humano e as possibilidades de ampliação das nossas capacidades e interpretações do mundo.

Cada criança faz referências, manifesta-se, tem vivências, experiências e reflexões a partir de necessidades, interesses e realidade cotidiana. É, contudo, uma fase que tem parâmetros diversos (econômico, político, social, cultural, ideológico, tecnológico etc.) que influenciam e interferem nos modos como adultos e crianças entendem e vivem esse momento da vida. Por isso mesmo, têm-se usado o termo *infâncias* para melhor caracterizar essa diversidade.

As *infâncias* têm dimensões social e natural que vão além de proteção, cuidado e educação. As crianças não devem ser consideradas apenas pelo que está por vir; no entanto, ainda é comum, nas práticas e discursos sociais, uma imagem mitificada sobre elas.

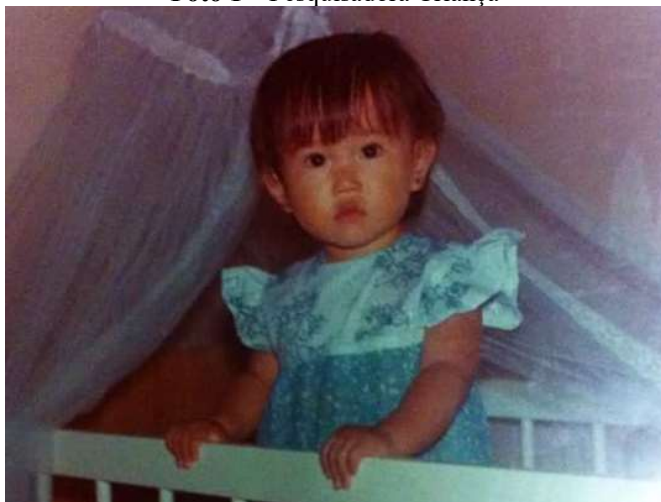
Para conhecer as crianças, é essencial refletir sobre as formas de interdependência, as funções e a estrutura na qual estão inseridas, a maneira de relações em grupos, nas brincadeiras e com os diversos elementos sociais. Conhecer as crianças significa perceber como vivenciam suas *infâncias*, compartilham experiências e sentidos.

A maneira como as crianças percebem e interpretam o mundo funciona numa lógica, muitas vezes, diferente do entendimento adulto. As crianças imaginam e reorganizam constantemente seus pensamentos. A imaginação é algo em que os limites e a lógica podem não existir, pois surge do impulso e da necessidade constante de ampliarem seu universo e germinarem conhecimento para ir além do já visto e já experimentado. Dito isso, a imaginação infantil pode ter seu auge no momento de criação de ideias incomuns, engenhosas e originais.

Pode-se até pensar que a criatividade é um dom exclusivo de algumas poucas pessoas. No entanto, essa é uma habilidade que pode e deve ser educada. Sem a capacidade imaginativa, não poderíamos lidar com o desconhecido, muito menos imaginar soluções para problemas inesperados. Viveríamos só reproduzindo o passado em um ciclo sem fim, sem qualquer inovação. Ao combinarmos nossas experiências com o que tiramos da realidade e acrescentarmos elementos da imaginação, podemos criar possibilidades para o que vamos encontrando pela vida.

Assim, a vida é cheia de caminhos. E as crianças sempre fizeram parte dos meus, seja porque eu era uma delas ou porque elas se tornaram o centro do que eu fazia. Começo dessa maneira para dizer de onde eu vim. Sei que nossa origem não é a única determinante, mas com certeza, tem grande influência na constituição de nossa vida, dificultando ou encurtando caminhos. Fui uma criança criada na periferia de Várzea Paulista-SP. Minha memória é repleta de domingos em família, brincando na rua com minha irmã, primos e primas, mas também com marcas dolorosas que precisaram ser superadas. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, as crianças percebem o que acontece ao redor delas e isso vai fazendo parte da forma como veem e ocupam o mundo.

Foto 1 – Pesquisadora Criança



Fonte: Arquivo Pessoal

Nasci no interior do Estado de São Paulo, em uma família de descendência oriental e cultura rural, apesar de uma geração antes da minha ter saído do campo e vindo fazer a vida na cidade. Minha mãe, entre sete irmãos, deixou o Paraná e veio para São Paulo. Meu pai, com seus cinco irmãos, foi criado em um sítio aqui próximo de Caieiras-SP. Conheceram-se como operários em uma fábrica de tecelagem e

os fios de suas histórias juntaram-se, dando origem à minha. Minha mãe escolheu deixar o emprego e dedicar-se à família, algo que talvez não aconteceria se estivesse vivendo o momento atual. Meu pai teve sua fase como decasségui¹: foram idas e vindas do Japão, trabalhando longe de casa e da família.

Ir para a escola era um desejo muito grande. Eu não via a hora! Conviver com crianças da minha idade, a começar pelo caminho que fazíamos de casa até o prezinho². Era comum, levar flores para a professora com os cabos revestidos por papel alumínio de cozinha. Ainda sinto o cheiro e o sabor das merendas, a textura do gramado e os sons da bandinha que era usada em eventos.

Minha família sempre valorizou e incentivou os estudos dos filhos.

¹ Pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outro país

² Escola de educação infantil da época

Cursei o ensino fundamental em uma escola pública próxima de casa e o ensino médio técnico em processamento de dados com bolsa de estudos na cidade vizinha. Conjuntamente, comecei a trabalhar em uma escola de cursos livres, ensinando informática básica. Foi lá que descobri o gosto por lecionar. Fiz a graduação em pedagogia na Faculdade Padre Anchieta e nos últimos dois anos da graduação, fui selecionada para monitoria de produção de textos, garantindo desconto nas mensalidades do curso.

Em 2002, estava envolvida em movimentos ambientais em Jundiaí-SP e, por este motivo, tive a oportunidade de participar do *Fórum Social Mundial* em Porto Alegre-RS, com um grupo juvenil chamado Multiplicadores Socioambientais. Foi uma experiência muito rica. Fui então convidada a trabalhar no Programa Econoar da TV Educativa da cidade, auxiliando na escrita do roteiro do programa, acompanhando a edição de vídeos e participando de um projeto que ensinava crianças da rede municipal a operar essa tecnologia de comunicação.

Em 2005, fui trabalhar em um sítio de eventos localizado em Itapecerica da Serra-SP com projetos de cultura rural, indígena e mobilizações da comunidade. Foi uma época importante para minha formação tanto profissional quanto de vida. No ano seguinte, retornei a Jundiaí-SP, onde fui, na rede municipal, professora de crianças de três a cinco anos até 2013.

Em 2013, assumi a direção no ensino fundamental e, desde 2014, estou na educação infantil, na qual procuro concentrar minhas pesquisas. Em 2018, recebi o primeiro lugar, categoria diretor inspirador, na premiação Educação Inovadora, com o projeto *Encontros de Família* e fui convidada para o *1º Workshop do Centro de Pesquisa, Memórias e Estudos da Infância* a ser implantado em Jundiaí-SP. Atualmente exerço a função de supervisora escolar.

Os caminhos na minha vida, procurei enxergá-los como oportunidades. Tive muitos medos e inseguranças que foram superados pela vontade de fazer a diferença. Muitas vezes, pego-me olhando para a criança que fui, para os momentos que passei e reflito o quanto cada palavra de incentivo, cada mão que segurou a minha, cada mestre que passou deixando um ensinamento, cada queda e ferida... como tudo isso foi importante. Projeto então nas crianças, que de alguma maneira eu possa tocar direta ou indiretamente, a retribuição das oportunidades que tive. Sei que cada uma tem e trilhará sua história, mas se de alguma forma eu puder fazer a minha parte que seja com incentivo e apoio.

Pelos caminhos da vida, vamos encontrando encruzilhadas. Isso me faz lembrar da passagem de Lewis Carroll³:

³ CARROLL, Lewis. *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Alice perguntou:

- Gato Cheshire... pode me dizer qual o caminho que eu devo tomar?
- Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o Gato.
- Eu não sei para onde ir! – disse Alice.
- Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve.

Conheci esta passagem não tendo lido o livro, mas em um texto que interpretava com meus alunos, ainda na minha adolescência, no meu primeiro emprego. Foi instigador, não só para que eu conhecesse a obra, já que eu iria utilizar dela para ensinar, como também na procura de clareza para quais objetivos eu trilharia. Afinal, se eu não soubesse para onde ir, qualquer caminho serviria. Naquele momento, eu entendi que aprender significativamente era onde eu queria chegar e que a educação seria o caminho para isso, fosse ela formal ou não.

Ao longo da minha carreira profissional, sempre valorizei os estudos e a busca por aprimoramento. Dessa maneira, fiz cursos de pós graduação (*Lato sensu*) na área da educação, interessando-me principalmente por questões ligadas à infância. As crianças sempre estiveram nos meus caminhos ou eu quem trilhava aqueles que me levavam a elas. Mantive a grande vontade de ampliar os estudos e a aproximação acadêmica num curso de mestrado.

Ainda em 2017, no segundo semestre, incentivada por uma diretora de escola, fiz a inscrição e consegui ingressar no Instituto de Artes da UNESP como aluna especial. Foi nessa ocasião que conheci o professor João Palma.

Em 2018, continuei como aluna especial na instituição e, no segundo semestre, fiz uma disciplina com uma ex-professora da Faculdade Anchieta, agora docente na FEUSP, Kimi Tomizaki, dessa vez apenas como aluna ouvinte. A disciplina problematizava a questão intergeracional.

Ingressei no Programa de Pós Graduação do IA-UNESP, em 2019, com um projeto ligado à infância, que foi sofrendo alterações até o título atual: *COMITÊ DAS CRIANÇAS: vozes sobre a participação*. Muitas foram as razões para reconduzir a pesquisa: as disciplinas cursadas na UNESP, UNICAMP e USP, o registro na Plataforma Brasil⁴, as experiências vivenciadas durante a elaboração do projeto e das realizações profissionais.

Ainda no final de 2019, participei do *II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação*, na USP, no qual socializei o projeto que estava, então, mais delineado. Os comentários dos participantes validaram a importância da temática e a necessidade de pesquisas com crianças.

⁴ Os detalhes serão apresentados no Capítulo III.

Fotos 2 e 3 – Exposição do Projeto em Congresso



Fonte: Arquivo Pessoal

Para Weffort⁵, o registro precisa ser feito de forma que a reflexão seja estimulada e haja a produção de mudanças. Com esse intuito, analisamos nossos conhecimentos, limites e possibilidades. O registro, segundo Ostetto⁶, “trata-se de fazer e trazer para a consciência a ‘coisa feita’”. A escrita traz/faz revelações e amplia a consciência do educador”. Pontes⁷ afirma que “registrar de forma reflexiva o que se vivencia significa ‘pensar reflexivo’, ou seja, lançar um olhar sobre uma situação ou um objeto, a fim de elaborar uma análise”.

Rememorar o caminho percorrido, permitiu-me analisar pontos alcançados e outros que ainda necessitavam de atenção. A pesquisa acadêmica deve proporcionar contribuições para a sociedade, em especial, à comunidade da qual fazemos parte. Participar do Grupo de Pesquisa de Políticas Curriculares (GPPC-Artes) liderado pelo professor Palma proporcionou discussões importantes para esta pesquisa, relacionadas à educação e às políticas públicas.

As oportunidades viabilizadas pelos conhecimentos interdisciplinares com os quais entrei em contato e apliquei em minha atuação profissional foram essenciais para o processo, assim como conviver e participar de discussões com diversas pessoas, tanto da área de educação quanto da arte, da arquitetura, da comunicação, entre outras. Isso só confirma que as diferenças podem completar nossas visões, dando um entendimento mais aproximado do nosso objeto de estudo. Em relação aos afetos e às emoções que acompanharam a produção de conhecimento, a formação, a participação e a atuação em diversas instâncias, a experiência vai além das páginas deste trabalho e corresponde à vida vivida.

⁵ WEFFORT, Madalena Freire (coord). **Observação, registro, reflexão – Instrumentos Metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

⁶ OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. *In*. **Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. cap. 5, p. 20.

⁷ PONTES, Rosana Aparecida Ferreira. Os Registros reflexivos como prática de autoria pedagógica. *In*: **V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**. São Cristóvão. 2011, p. 2.

Na história da humanidade, ter voz foi, por muitas vezes, demarcação de poder, seja dos senhores frente aos escravos, de homens sobre mulheres, de pátrios sobre estrangeiros, de adultos sobre as crianças. A luta pelo reconhecimento e efetivação de direitos nunca foi tão atual e, as desigualdades sociais e econômicas tão evidentes.

O ano de 2020 iniciou-se diante de um dos maiores desafios para a humanidade, pelo menos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A pandemia da COVID-19 tem levado os países a discussões não somente sobre saúde, mas também sobre questões políticas, econômicas e sociais. Mais uma vez, nos deparamos com fios invisíveis que ligam toda a humanidade.

Em meio à pandemia, numa sociedade cada vez mais tecnológica e global, reencontramos velhos desafios: muita informação e pouca transformação em conhecimento; opiniões sem argumentos pesando mais do que fatos; muitas pessoas tendo voz pelas mídias sociais não como expressão de princípios éticos e debate de ideias, mas como forma de ataque às diferenças; questões sociais e econômicas determinando e ampliando as desigualdades.

Distinguir tantos conteúdos, identificar fontes e decidir ações que serão tomadas, desde as macro quanto as cotidianas, é no mínimo essencial. Frente à falta de colaboração de muitos brasileiros nas medidas de prevenção, como o distanciamento e o uso adequado de máscara, nos leva a reconhecer que somos um país que, além de uma crise de saúde, também enfrenta problemas políticos e sociais, fortalecidos por uma liderança federal que dificulta ainda mais a preservação do coletivo. O que dizer, então, de exposições frequentes de ameaças à democracia e aos direitos conquistados? Dos princípios éticos que envolvem a coletividade e são postos em cheque diante do neoliberalismo? No mínimo um mar de confusão intencional e equívocos frente aos fatos históricos.

Diante desse cenário, a educação mostra-se mais uma vez campo de luta, pois nela encontramos o reflexo social das desigualdades do nosso país, como também enxergamos a potencialidade que o processo educativo e de pesquisa podem oferecer e que tanto estão sendo requisitados no combate do SARS-CoV-2. Essa dualidade nunca foi tão atual, assim como a necessidade da intersetoridade e da perspectiva das diferentes áreas no enfrentamento a essa crise.

Recentemente, tive oportunidade de assistir a *ABSTRACT: the art of design*, uma série documental original da Netflix que mostra artistas do ramo do design. Um dos episódios trouxe o olhar para a infância. Em *Design para Brincar* (NETFLIX, 2019), Cas Holman, fundadora de uma empresa de brinquedos demonstra a potencialidade das crianças:

Quando desenho brinquedos quero que as crianças usem a imaginação em vez de seguirem instruções. Se eu der peças para crianças e mandar construírem um carro, haverá uma resposta certa e uma errada. Elas já sabem como é um carro. É uma ideia completa. Por outro lado, se eu der peças e disser: construa um jeito de ir à escola, aí sobra espaço para várias ideias. Meu trabalho como designer é oferecer ferramentas para elas imaginarem, explorarem ideias e inventarem coisas novas. Não crio as brincadeiras, crio as circunstâncias para a brincadeira.

Foto 4 – Cas Holman e uma de suas criações



Fonte: <https://br.pinterest.com/>

Cas Holman, durante o episódio, vai percorrendo sua trajetória e compartilhando sua voz sobre o mundo. “Quando criança eu comecei a perceber que os nossos ambientes construídos são lugares que reforçam as hierarquias e o poder, que não são amigáveis a todos, especialmente às crianças”. Precisamos reconhecer as crianças, como grupo social, pertencentes a todas as sociedades e que devem gerar interesse a ser discutido e problematizado.

Em 2009, o arquiteto Ronald Rael e a designer Virginia San Fratello projetaram uma gangorra para interação entre os dois lados do muro da fronteira entre EUA e México⁸. As estruturas foram instaladas entre Sunland Park, no estado americano de Novo Mexico, e Ciudad Juárez, no México.

Foto 5 – Gangorra na Fronteira



Fonte: <https://www.metropoles.com>

⁸ <https://www.metropoles.com/mundo/arquiteto-instala-gangorras-na-fronteira-eua-mexico-para-unir-pessoas>

Nos dois exemplos citados é possível perceber que o propósito vai muito além da estética e da funcionalidade. Ele imprimi uma escolha: trazer benefícios às pessoas com uma proposta inovadora, além de demonstrar visões políticas sobre o mundo e as relações pessoais, com maiores possibilidades de participação, inclusive das crianças.

O movimento da Sociologia da Infância tem contribuído significativamente para a percepção das crianças como atores sociais que estabelecem interações significativas com pessoas e instituições, ao mesmo tempo em que desenvolvem estratégias de existência no mundo. No entanto, ainda é preciso cautela ao analisar a efetiva participação infantil na sociedade.

As crianças sempre participaram, em casa, na escola, no trabalho, nas guerras, mas tal participação não era visível, apenas aceite como uma obrigação das crianças. Este facto deve-se, em grande parte, às concepções de criança e infância vigentes [...] o que se traduziu posteriormente em práticas de governação, em políticas públicas, na identidade e representações das crianças como grupo social, aspectos integrantes de concepções de infância [...] conduzidas predominantemente na ausência da participação das crianças, com reforço do poder adulto e subordinação das crianças. Para além deste quadro, surge também um outro limite, o da manipulação das crianças e da infância para atingir determinados objectivos. Só recentemente surgiu o paradigma da participação cidadã e da participação das crianças, que defende que a criança tem e pode expressar diferentes concepções, necessidades e aspirações relativamente aos adultos.⁹

Com esses paradigmas, passamos a entender que as crianças “... são actores sociais políticos competentes, sem deixar de ser crianças. São, aliás, tanto mais competentes, quanto mais respeitados forem na sua condição geracional.”¹⁰ Debater a dimensão mais ampla da infância e outras questões decorrentes, como as relações geracionais, questões político-institucionais, o desenvolvimento humano, a participação na cultura, pode proporcionar novas perspectivas sobre a vida social em geral, inclusive em relação às políticas públicas. Desse modo:

... as crianças e jovens possuem competências que lhes permitem dar contributos inovadores para o melhoramento dos espaços sociais em que vivem, mas que a forma como a ordem social dos adultos interpreta esta possibilidade é redutora das competências dos mais novos neste âmbito. As tomadas de decisão relativas à organização dos espaços públicos estão cercadas de barreiras relacionadas com a linguagem tecnocrática e com estilos de negociação do planeamento dos espaços que não consideram plausível ou desejável a integração das vozes das crianças.^{11 12}

⁹ TOMÁS, Catarina. “Participação não tem Idade” Participação das Crianças e Cidadania da Infância. In: **Revista Contexto & Educação**, 2013. p. 45-68. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2007.78.45-68> Acesso em 26 out. p. 47.

¹⁰ SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMAS, Catarina. Políticas Públicas e Participação Infantil. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga/Portugal). In: **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 183-206. Paulo: Autores Associados, 2007, p.204.

¹¹ TOMÁS, Catarina. *Op. cit.* p. 47.

¹² Competência, neste contexto, pode ser entendida como “Aptidão que um indivíduo tem de opinar sobre um assunto”. Consultado em: <https://michaelis.uol.com.br/>, Acesso em: 15/02/2021.

Há várias iniciativas nacionais e internacionais em torno da participação infantil. Francesco Tonucci, idealizador do projeto *Cidade das Crianças*, em suas diversas publicações, inclusive na arte de cartunista, apresenta as problemáticas em torno da infância e das cidades.

A cidade não pertence mais às pessoas nem às crianças: pertence aos carros, às sirenes estridentes, ao ar poluído, à violência e ao medo. Sair sozinho, encontrar-se com um amigo, inventar juntos uma brincadeira, mudar regras, brigar se for necessário, e voltar para casa, isso tudo é uma experiência fundamental para o crescimento social e cognitivo da criança de quatro ou cinco anos. Mas hoje isso é difícil mesmo para um menino de dez ou uma menina ainda mais velha. Fora de casa não existe mais o mundo fascinante do pátio, da calçada, das plantas e dos animais do parque. Existe o perigo, a proibição.¹³

Como produto de mercado, ordenada pelas diferenças sociais e históricas, a cidade foi renunciando sua condição de encontro e interação, “... escolheu como novos critérios de separação de desenvolvimento e especialização. A separação e especialização de espaços e competências: diversos lugares para diversas pessoas, diversos lugares para diversas funções.”¹⁴

Essa separação e especialização também, conforme David Harvey¹⁵, traz expressa a ética neoliberal de intenso individualismo possessivo e a correlata renúncia política a formas de ação coletiva como padrão para a socialização humana. O neoliberalismo promove uma crescente desigualdade social, limitando a autonomia das pessoas que têm dificuldades para, no processo de urbanização, alcançar ferramentas na luta pela garantia de seus direitos.

As cidades são organizadas pelo olhar dominante adulto numa visão liberal e familista da infância, que a toma como privada, quando na realidade, as crianças deveriam ser de interesse público.

¹³ TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança**. Campinas: Autores Associados, 2008, p. 48.

No original: La ciudad ya no es de personas ni de niños: pertenece a los coches, las sirenas estridentes, el aire contaminado, la violencia y el miedo. Salir solo, encontrarse con un amigo, inventar un juego juntos, cambiar reglas, pelear si es necesario y volver a casa, todo esto es una experiencia fundamental para el crecimiento social y cognitivo del niño de cuatro o cinco años. Pero hoy esto es difícil incluso para un niño de diez años o incluso para una niña mayor. Fuera de casa, el fascinante mundo del patio, la acera, las plantas y los animales del parque ya no existe. Existe un peligro, una prohibición.

¹⁴ *Ibidem*. p. 6.

No original: ... ha elegido como nuevos criterios de desarrollo la separación y la especialización. La separación y especialización de los espacios y de las competencias: lugares diversos para personas diversas, lugares diversos para funciones diversas.

¹⁵ HARVEY, David. **O direito à cidade**. jul. 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em: 2 jun 2019.

A infância foi construída historicamente, nos últimos séculos, através da sucessiva exclusão das crianças de esferas sociais de influência: o trabalho, o convívio social com adultos fora do círculo familiar, a participação na vida comunitária e política. [...] O confinamento da infância a um espaço social condicionado e controlado pelos adultos produziu, como consequência, o entendimento generalizado de que as crianças estão ‘naturalmente’ privadas do exercício de direitos políticos.¹⁶

No entanto, a UNICEF apresenta em seus estudos que:

O direito a ser ouvido estende-se a todas as áreas das vidas das crianças. Apesar de ter sido realizado muito trabalho impressionante recentemente para criar oportunidades para as crianças participarem na dimensão pública, é importante não esquecer que também tem de ser feito um investimento em oportunidades para as crianças serem ouvidas nas suas vidas quotidianas – na família, na escola, nos seus cuidados de saúde, em instituições, na diversão e recreação e no local de trabalho.¹⁷

Ao considerarmos a participação enquanto processo coletivo e de interação, compreendemos que as competências de participar estão ligadas à vida social, pois ora as crianças são constrangidas, ora estimuladas, seja pela interação com outro (família, amigos, comunidade...), seja pelas estruturas socioeconômicas e culturais.

À partida, podemos afirmar que a participação das crianças no espaço restrito das relações com os outros que lhe são significativos, sejam eles adultos ou crianças, é afectada por factores que decorrem das relações de poder e hierarquia que existem entre adultos e crianças. Assim, considerar a participação das crianças no espaço público exige que tenhamos em conta a influência das estruturas e instituições que as envolvem – sejam elas educativas, económicas, jurídicas ou sociais –, que frequentemente se apresentam, como estruturas desconhecidas e fechadas, que funcionam como obstáculos para a construção de espaços de participação infantil.¹⁸

Levando em consideração esses apontamentos, consideramos que estudos sobre a escuta atenta às múltiplas linguagens das crianças, sobre a participação e processos mais democráticos, podem proporcionar condições sociais mais igualitárias. As crianças, nesse contexto, enquanto seres sociais, potentes e de direitos:

[...] têm “voz” porque têm “coisas” – ideias, opiniões, críticas, experiências, ... – a dizer aos adultos, verbalmente ou não, literalmente ou não, mas estes só poderão ter acesso a esse pensamento e conhecimento se estiverem na disposição de suspender os seus entendimentos e cultura adultos para, na medida do possível, aprenderem com elas e assim compreenderem o sentido das suas interações.¹⁹

¹⁶ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 187.

¹⁷ UNICEF. **Participação de Crianças**. 2014, p. 19.

¹⁸ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 190.

¹⁹ FERREIRA, Manuela. “- Ela é a nossa prisioneira!” - questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *In: Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 157.

Para abriremos canais para ouvir as crianças, precisamos ter a consciência da importância que as diversas experiências da nossa infância tiveram na nossa vida e que a garantia de espaços de voz para as crianças e para quem acompanha suas infâncias pode gerar experiências significativas de participação. Para Santos, a “consciência [...] é o que define o homem, o que lhe confere dignidade e liberdade.”²⁰ Dessa forma, é na prática social que é possível tomar consciência de si, do outro e da sociedade em que se vive, inclusive nas relações políticas.

As crianças são actores políticos, ainda que as competências políticas das crianças se exerçam prioritariamente nas interações de pares, e no espaço comum que partilham fora do olhar adulto [...] Podemos, no entanto, considerar que a acção política das crianças se exerce, sob um modo pleno ou de forma subtil e oculta, em todos os seus mundos de vida.²¹

Relacionando as reflexões apresentadas por Tonucci²², sobretudo a necessidade de maior autonomia das crianças, às práticas educativas e a outros autores que trazem ideias relevantes à temática da infância e da cidade, percebemos que ouvir as crianças mostra-se fundamental, mas ainda encontramos dificuldades para concretizar a escuta e sua validação. Assim sendo:

[...] estudar a participação da infância na sociedade significa compreender as dinâmicas sociais que colocam as crianças como atores sociais, além de recuperar práticas e discursos que as permeiam. Para tanto, é preciso recompor os espaços de socialização a partir de uma perspectiva que permita examinar e compreender os modos pelos quais as crianças participam da sociedade e como isso ocorre em relação às demais categorias geracionais.²³

Precedendo cada parte deste trabalho, selecionamos como epígrafe, não uma frase, mas um desenho de Frato (assinatura de Tonucci nas charges). Essa escolha aconteceu por entender que ao tratarmos sobre a infância, sobre as vozes das crianças, não estamos centrados apenas numa única linguagem, mas de maneira complexa, reconhecemos as particularidades das culturas da infância. Convidamos você a uma leitura livre das charges e, caso queira saber sobre a escolha dos desenhos pela pesquisadora, visite o texto *Epígrafes*²⁴.

²⁰ SANTOS, Aparecida de Fátima Trindade dos. **Desigualdade social e dualidade escolar: Conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci**. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 79.

²¹ SARMENTO *et al.* *Op. cit.* p. 202.

²² TONUCCI, Francesco. *Op. cit.* p. 6.

²³ NASCIMENTO, Maria Leticia B. P. (In)visibilidade das crianças e (n)as cidades: Há crianças? Onde estão? *In: Revista Educacional Foco*, Juiz de Fora, vol.23, n.3, set. / dez. 2018, p. 747.

²⁴ Vide Apêndice H.

A infância não é a idade da não-fala: todas as crianças desde bebês têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real.²⁵

No Capítulo I, para tratar sobre a cidade e as crianças, problematizamos a urbanização, o medo e a superproteção que são gerados pela especialização das cidades, limitando nossa convivência e afastando os diferentes. Apresentamos imagens que remetem à infância e à sua relação com os espaços urbanos. As crianças são agentes que podem aproximar-nos. Temos nelas nossa imagem de passado, além disso, compõem uma categoria que abarca as diversidades (raça, religião, gênero, classe social). Seguimos com a cidade como uma possibilidade de encontrar nela elementos para mudanças, ao levar em consideração a escuta atenta às crianças e, uma vez, tendo nelas parâmetros, garantir acesso aos direitos à cidade para todas as pessoas. Buscamos também, entre tantas iniciativas existentes, alguns detalhes sobre o projeto *Cidade das Crianças*, idealizado por Tonucci. Essa escolha deu-se pela localidade de desenvolvimento da pesquisa de campo ser parte da rede latino-americana *Cidade das Crianças*. Assim sendo, vimos o projeto na cidade de Jundiaí-SP e algumas de suas ações.

No Capítulo II, discutimos o conceito de participação, relacionando-o com o próprio entendimento de democracia e de cidadania. Também traçamos a diferenciação dos processos participativos entendidos pelos institucionalistas e pelos participativistas. Outro conceito abordado foi o desenvolvimento do discurso como condição essencial para a participação das pessoas. Seguimos apresentando diferentes representações dos tipos e níveis de participação, que vão desde a manipulação até a participação efetiva. Desse geral, passamos para a problematização da participação das crianças em nossa sociedade e a necessidade da escuta infantil, além de apresentarmos alguns projetos e conceitos internacionais que remetem à temática.

No Capítulo III, descrevemos o *Comitê das Crianças* como um laboratório sobre a participação, que foi utilizado para verificar mediações e outros pontos a favorecer ou não a expressão das crianças e a validação de suas vozes. Nesse capítulo, organizamos a caracterização da pesquisa, apresentando a hipótese, objetivo primário, objetivo secundário, metodologia proposta, caracterização do campo, além do percurso no qual há a caracterização dos participantes e os instrumentos de coleta de dados.

²⁵ SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. In: **Cadernos do Noroeste**, Porto: vol. 13. 2000, p. 156.

Como o *Comitê* faz parte do programa *Cidade das Crianças*, optamos também por observar as reuniões do *Grupo de Trabalho (GT) Criança na Cidade*²⁶, ampliando as vozes participantes. Para coleta de dados, fizemos uso de observações feitas pela pesquisadora durante as reuniões do *Comitê*, além de fotos e outros registros das crianças, como desenhos e poesias, como também o uso de questionário e entrevistas. Além das crianças representantes, demos escuta a seus familiares, aos mediadores do *Comitê das Crianças* e aos envolvidos no programa *Cidade das Crianças* de Jundiaí-SP que compõem o *GT Criança na Cidade*.

No Capítulo IV, compusemos um *corpus* para a análise, selecionando dados coletados. Recorremos às temáticas desenvolvidas nas primeiras partes deste trabalho como fios condutores: a cidade, a participação e o *Comitê*. Em comum, problematizamos a relação de cada uma delas com as crianças. As reflexões tiveram como referencial principal: Tonucci (2010), Malaguzzi (1999) e Freire (1996), assim como também recorremos a outros autores apresentados nos primeiros capítulos. Ao analisarmos o processo e os níveis de participação das crianças no *Comitê* e como os adultos colaboraram ou não, pudemos verificar as proposições feitas *a* e *com* as crianças, vendo se nelas há espaço de validação nas ações de políticas públicas. Buscamos também discernir se a escuta e a autonomia podem ser entendidas como base para a efetividade da participação.

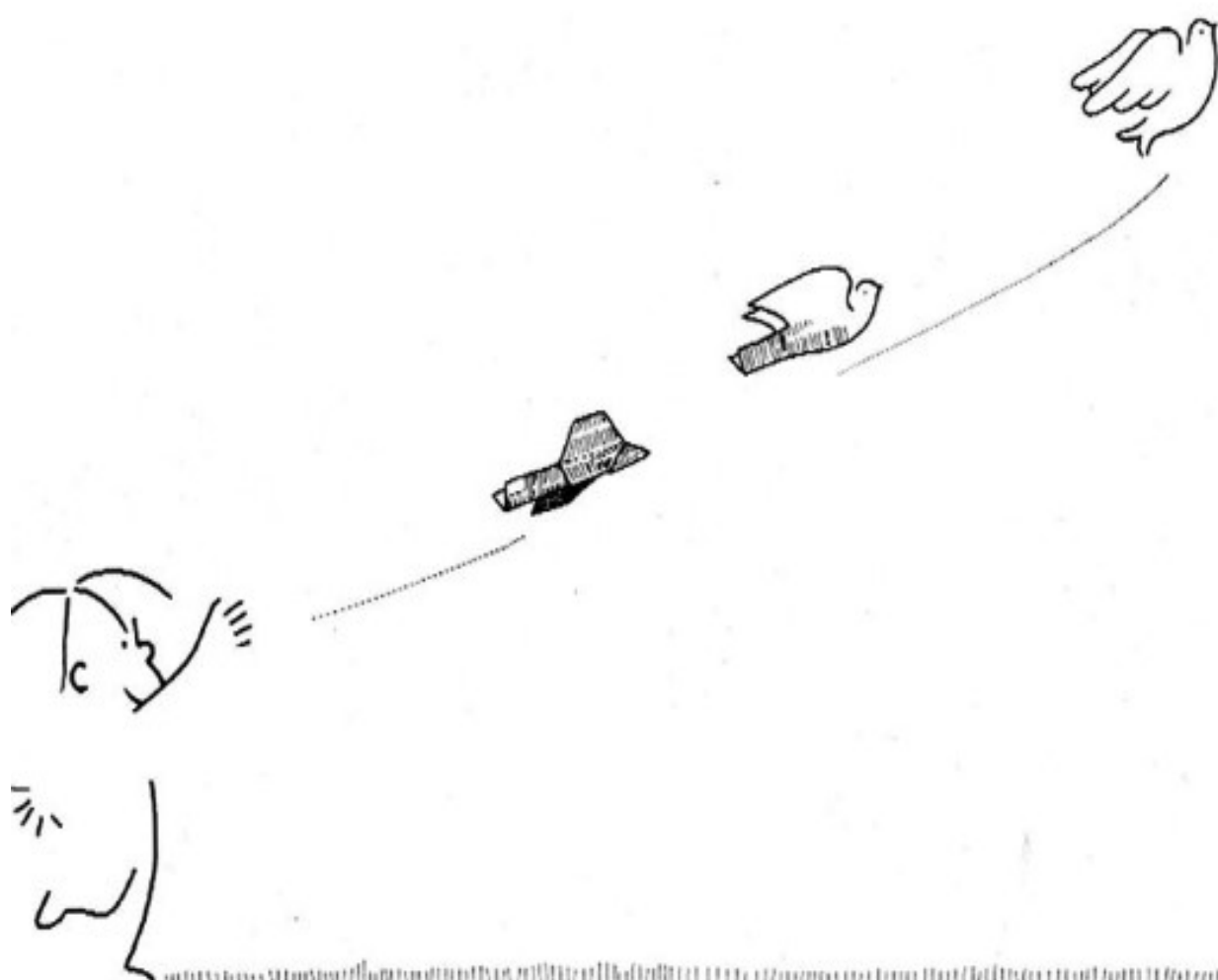
Entendendo que, na impossibilidade de nos mantermos neutros nesse processo e reconhecendo que há uma intencionalidade nos recortes feitos pela pesquisadora-analista, deixamos ao leitor, caso haja interesse, a possibilidade de acessar nos anexos e apêndices a íntegra dos conteúdos coletados. Também fizemos referência a eles ao longo do texto como um convite a ter mais detalhes que por ventura não tenham sido tratados de maneira mais completa.

Como Considerações Finais, procuramos manter o fio que alicerça nossas práticas, não somente enquanto profissionais, mas que torna possível também prosseguir no caminho da pesquisa e dos movimentos educativos, sejam eles formais ou não. Voltamos aos principais questionamentos que nos motivaram a iniciar este percurso, não como forma de fechá-los, pois o entendemos como algo que pode ser revisto e sobre o qual sempre será possível um novo olhar.

Convidamos você, caro leitor, a receber nossas percepções como um ponto de vista e manter vivas as possíveis relações que podem ser tramadas com o seu. Desejamos que mais do que certezas, seja possível encontrar espaço para o diálogo e a interlocução, tendo as crianças como centro desse processo.

²⁶ Vide registros da pesquisadora sobre as reuniões no Apêndice J.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A esperança é um sentimento que faz parte das nossas escolhas, pois alicerça os esforços para continuarmos mesmo frente a desafios e problemas quase inalcançáveis. Este também é o sentimento quando olhamos para uma criança, imagem que nos retorna ao que fomos e nos motiva ao que virá. A criança, sujeito da ação, coloca a ideia de movimento e continuidade, sensação que muitos trabalhos de pesquisa geram: a vontade de continuar aprendendo e buscando.

Nos caminhos de desenvolvimento desta pesquisa, tivemos *as crianças* como centro de interesse e investigação, por isso mesmo, aparecem em todos os títulos. O pensamento infantil pode colaborar com a maneira que interpretamos o mundo, pois cada criança faz referências, manifesta-se, tem vivências, experiências e reflexões a partir de necessidades, interesses e sua realidade cotidiana.

Assumimos, pela diversidade de constituição que essa fase expressa, o uso do termo infâncias no plural para melhor abrangê-la. As infâncias têm dimensões social e natural que vão além de proteção, cuidado e educação. As crianças devem ser consideradas nas práticas e discursos sociais.

A forma como as crianças percebem e interpretam o mundo que nos rodeia é estabelecida numa lógica diferente do entendimento dos adultos. Há nelas um jeito de imaginar e reorganizar os pensamentos de maneira muito peculiar. Na imaginação não podem existir limites e uma única lógica, pois existe no impulso e na necessidade de ampliar sua compreensão e semear conhecimento para além do já visto e experimentado.

Como demarcação de poder, por muitas vezes, na história da humanidade, a voz dos menos favorecidos foi cerceada. A luta pelo reconhecimento e efetivação de direitos nunca se mostrou tão atual e, as desigualdades sociais e econômicas tão evidentes.

O movimento da Sociologia da Infância trouxe muitas contribuições para a percepção das crianças como atores sociais ativos nas interações significativas com pessoas e instituições, ao mesmo tempo em que elas desenvolvem estratégias de existência no mundo. Debater a dimensão mais ampla das infâncias e outras questões decorrentes, como as relações geracionais, as questões político-institucionais, o desenvolvimento humano, a participação na cultura, nos fez traçar perspectivas sobre a vida social em geral, inclusive em relação às políticas públicas.

Retomamos, neste momento, a questão levantada inicialmente no projeto desta pesquisa:

Para alcançar políticas públicas que tenham a infância como prioridade em todos os âmbitos é preciso promover a participação infantil. Ao entender que o direito a participar precisa ser aprendido e exercitado, buscamos formas de mediação e outros pontos importantes que auxiliem os adultos na interação com as crianças. Temos como hipótese que, por meio da organização intencional, mas flexível, seja possível garantir o exercício da participação e da escuta atenta às vozes infantis por suas múltiplas linguagens, apontando maneiras de validar a potência das crianças.

Para validação da hipótese, na busca dos fios que foram sendo coletados durante a pesquisa e no trabalho de desatar e fazer nós, tecendo percepções sobre o que foi observado e analisado, fomos compondo a tecelagem. Em cada parte, uma temática foi tomada como ponto a ser estudado na sua relação com as crianças, de maneira a colaborar no percurso desenvolvido da pesquisa.

No Capítulo I, discorremos sobre a cidade e as crianças, a urbanização, o medo e a superproteção originados da especialização das cidades. Vimos o quanto há limitação da convivência e afastamento dos diferentes. No entanto, as crianças podem ser consideradas fontes de aproximação, pois temos nelas nossa imagem de passado, além de comporem uma categoria que compreende as diversidades (raça, religião, gênero, classe social). Como uma possibilidade de mudança, vimos na cidade algo em que a escuta das crianças deva ser considerada, pois ao garantir a elas seus direitos, a cidade pode ser pensada para todos. Entre tantas iniciativas existentes, descrevemos o projeto *Cidade das Crianças*, idealizado por Tonucci, já que nosso campo de pesquisa foi o *Comitê das Crianças* de Jundiaí-SP.

No Capítulo II, conceituamos a participação e a relacionamos com o entendimento sobre democracia e cidadania. Traçamos as diferenças dos processos participativos entendidos pelos institucionalistas e pelos os participativistas. O desenvolvimento do discurso também foi tratado como parte essencial para que a participação aconteça. Vimos também como há tipos e níveis de participação, que vão desde a manipulação até a participação efetiva. Assim sendo, problematizamos a participação das crianças em nossa sociedade e a necessidade da escuta infantil, apresentando alguns projetos e conceitos internacionais que tratam do assunto.

No Capítulo III, caracterizamos o *Comitê das Crianças* como um laboratório sobre a participação, o qual foi utilizado para verificar mediações e outros pontos a favorecer ou não a expressão das crianças e a validação de suas vozes. Fizemos a organização e a descrição da pesquisa. Como o *Comitê* faz parte do programa *Cidade das Crianças*, optamos também observar as reuniões do *GT Criança na Cidade*, ampliando as vozes participantes. Na coleta de dados, utilizamos observações feitas pela pesquisadora durante as reuniões, além de fotos e outros registros das crianças, como desenhos e poesias, assim como o uso de questionário e entrevistas. Além das crianças representantes, houve a escuta a seus familiares, aos mediadores do *Comitê das Crianças* e aos envolvidos no programa *Cidade das Crianças* de Jundiaí-SP que compõem o *GT Criança na Cidade*.

No Capítulo IV, compusemos um *corpus* para a análise com os dados coletados e selecionados. Nesse momento, voltamos às temáticas desenvolvidas nos primeiros capítulos como fios condutores: a cidade, a participação e o *Comitê*, relacionando-as com as crianças. Como referencial principal, recorremos a Tonucci (2010), Malaguzzi (1999), Freire (1996). Verificamos o processo e os níveis de participação das crianças no *Comitê*, demonstrando como os adultos colaboraram ou não com o desenvolvimento das práticas infantis, além de analisarmos se espaço para elas nas políticas públicas. A escuta e a autonomia foram entendidas como base para a efetividade da participação democrática.

Ao considerarmos a participação enquanto processo coletivo e de interação, compreendemos que as competências de participar estão ligadas à vida social. E, neste contexto, foram inevitáveis as influências geradas pela pandemia da Covid-19, marcando inclusive aspectos nesta pesquisa. Houve a necessidade de adaptação de todos (crianças e adultos) com novos meios comunicativos e o uso das tecnologias. Foi comum, nas primeiras reuniões do *Comitê das Crianças*, elas riscarem virtualmente as telas ou digitarem caracteres avulsos no *chat* do aplicativo *Zoom*. A criança primeiro explora e se apropria, para depois participar. Outros fatores que foram desafiadores, como a falta do contato presencial e a impossibilidade de visitar fisicamente os espaços da cidade, além da dificuldade de leitura corporal, também precisaram ser superados. Apesar das dificuldades, as reuniões remotas favoreceram um menor índice de faltas pelas crianças participantes, além de melhor divisão e oportunidade de fala entre elas.

Levando em consideração esses apontamentos, vimos a importância de boas mediações como forma de incentivo à potência das crianças e de sua participação efetiva. Encontrar o equilíbrio das ações de condução e os espaços para a transição da heteronomia para a autonomia ainda é um grande desafio. Consideramos que, apesar das dificuldades, iniciativas que dão visibilidade às infâncias e às expressões pelas múltiplas linguagens das visões e entendimentos sobre as crianças, além de abrir espaço para proposições, já mostram seu valor.

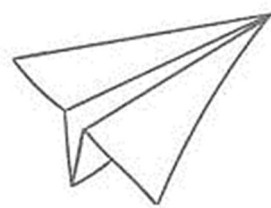
Em lugar de estranha, a conscientização é natural ao ser que, inacabado, se sabe inacabado. [...] A inconclusão, repito, faz parte da natureza do fenômeno vital. Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jaboticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores; inconclusos são estes pássaros como inconcluso é Eico, meu pastor alemão, que me "saúda" contente no começo das manhãs. Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. ²⁹¹

²⁹¹ FREIRE, Paulo. . *Op. cit.* p. 29.

No reconhecimento dessa inconclusão, da qual somos parte, enquanto seres naturais e sociais, podemos ser reprodutores e transformadores das realidades em que vivemos. As “vozes” e as demais expressões de crianças e adultos participantes desta pesquisa enriqueceram as tramas organizadas para a discussão sobre a participação infantil nas políticas públicas das cidades, assim como a interlocução com os autores selecionados para o embasamento deste estudo.

Assim como a charge da epígrafe, vemos o trajeto da pesquisa

como um aviãozinho lançado ao ar,
que diante do horizonte das experiências,
requisita conhecimento e seriedade,
mas também o direito a manter a leveza com a qual a vida pode ser encarada.
Vemos que essa trajetória, muitas vezes não linear, mas num ir e vir,
pode fortalecer a esperança
tão necessária para seguirmos em frente
com nossas buscas
sempre contínuas e infinitas...



REFERÊNCIAS

ACREDITO QUE DARIA
PARA APRENDER SEM
TER QUE ODIAR O
QUE ESTUDAMOS



FRATO, 2002

ARAÚJO, Vania Carvalho de. **Pensar a cidade, as crianças e sua educação**. Educação (UFSM), v. 43, n. 2, abr.-jun. 2018.

ARNSTEIN, Sherry R. Uma escada da participação cidadã *In: Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – PARTICIPE*: Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 4-13, jan. 2002

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed., Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. *In: Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set.-dez. 2014.

BALLESTEROS, Maria Paula. ¿Una ciudad con ojos de niño? Experiencia Rosario. Proyecto Ciudad de los niños. *In V Jornadas de Jóvenes Investigadores*. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2009.

BARBA, Clarides Henrich & SOUZA FILHO, Marinho Celestino. Análise do discurso: O que é? Como se faz? E para quê serve? *In: Revista Gestão Universitária*. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/analise-do-discurso-o-que-e-como-se-faz-e-para-que-serve> Acesso em: 10 fev. 2021

BARBOSA, Maria Carmem Silveira & MARTINS FILHO, Altino José. Metodologias de Pesquisas com Crianças *In: Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p.8-28, jul.- dez. 2010.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900, *In: Rua de Mão única*, Obras Escolhidas. Editora Brasiliense, São Paulo: 1987.

BORDENAVE, Juan. **O que é participação?** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal n. 8.069 de 13 de Julho de 1990. Brasília. Imprensa Oficial. 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

CARROLL, Lewis. Alice: **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, Trad. Ephraim Ferreira Alves.

CORSARO, William A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, mai.-ago. 2005.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Org. por Michael Schöter. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERNÁNDEZ, Alfonso Diestro. **La ciudad de los niños**: un espacio de juegos, participación, diálogo y encuentro intercultural. Villanueva de la Serena: 2010.

FERREIRA, Manuela. “- Ela é a nossa prisioneira!” - questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *In: Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 151-182, jul. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1524>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *In: Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, nov. 2001

OCHI, Paulo Sergio. **A Documentação Pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico**: o caso do Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREHSE, Fraya. **Ô da Rua! O transeunte e o advento da modernidade em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em <https://nepegeo.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em 22 dez. 2020.

GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzatto. **Infância e suas Linguagens**. São Paulo, Ed. Cortez, 2014.

GOBBI, Marcia Aparecida. Múltiplas Linguagens de Meninos e Meninas e a Educação Infantil. *In: Anais do I Seminário Nacional Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais*, Belo Horizonte, nov. 2010.

GOHN, Maria da Glória. Cidadania, meios de comunicação de massas, associativismo e movimentos sociais. *In: ALMEIDA, Fernando Ferreira de; PERUZZO, Cicília K. (orgs). Comunicação para a cidadania*. São Paulo/ Salvador: Uneb/ Intercom, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

HABERMAS, Jurgen. **Direito e Democracia**: entre Facticidade e Validade. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, v. I.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. jul. 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em: 2 jun 2019

HART, Roger A. La participacion de los niños: de la participacion simbólica a la participation autentica. In: **Ensayos Innocenti**, n. IV, 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Roger_Hart3/publication/46473553_La_participacion_d_e_los_ninos_de_la_participacion_simbolica_a_la_participacion_autentica/links/571e6d4208aefa648899a0c5/La-participacion-de-los-ninos-de-la-participacion-simbolica-a-la-participacion-autentica.pdf. Acesso em: 2 jun 2019

HERMANY, Ricardo. **(Re) Discutindo o espaço local**: uma abordagem a partir do direito social de Gurvitch. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; IPR, 2007.

HOLMAN, Cas. Design para brincar. In: **Abstract: the art of design**. Série da Netflix, 2017.

JUNDIAÍ (SP), Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares de Educação Infantil**. Rede Municipal de Educação: Jundiaí, 2016.

KOLTAI, Caterina. O Estrangeiro, o Racismo e a Educação. In: GALLO, Silvio; SOUZA, Regina Maria (orgs). **Educação do Preconceito**. Ensaio sobre poder e resistência. Campinas: Atomo e Alínea, 2004.

KOWARICK, Lúcio. A lógica da desordem, In: **A espoliação urbana**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1993

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças. In: **Cadernos de pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n. 116, 2002. p. 41–59

LEFEBVRE, Henri. Sobre a forma urbana, In: **O direito à cidade**. Editora Centauro. São Paulo:2011

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofias básicas. p. 86 In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre; Artmed, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MITTMANN, Solange. **Discurso e Texto**: na pista de uma metodologia de análise. p. 1. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMittmann.pdf>. Acesso em 20 dez. 2020.

MOSS, Peter. La democrazia in educazione. In: **Revista Bambini**. Azzano, San Paolo, Itália: Edizione Júnior, mar. 2008.

NASCIMENTO, Maria Leticia B. P. (In)visibilidade das crianças e (n)as cidades: Há crianças? Onde estão? In: **Revista Educacional Foco**, Juiz de Fora, v. 23, n. 3, p. 737-754, set.-dez. 2018

ORLANDINI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999. Disponível em: http://www.sergiofreire.pro.br/ad/ORLANI_ADPP.pdf. Acesso em: 5 jan 2021

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração dos Direitos da Criança**. 1959.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. *In: Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. cap. 5, p.13-32

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 5. ed. São Paulo: Ed. Xamã, 2000.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PONTES, Rosana Aparecida Ferreira. Os Registros reflexivos como prática de autoria pedagógica. *In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”*. São Cristovão. 2011. Disponível em: <http://files.pibid-educacao-do-campoufu.webnode.com/2000001070398f0493b/OS%20REGISTROS%20REFLEXIVOS.pdf>. Acesso em 26 out 2019

RAMOS, Tacyana Karla Gomes. Participação de crianças pequenas na organização de práticas cotidianas da educação infantil: do direito às possibilidades. *In: SANTOS, Marlene Oliveira dos & RIBEIRO, Maria Izabel Souza (org.). Educação Infantil: os desafios estão postos e o que fazemos*. Salvador, BA: Sooffset Gráfica e Editora Ltda., 2014

RINALDI, Carla. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. p. 237. *In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROLNIK, Raquel. Territorios Em Conflito. *In: São Paulo – espaço, história e política*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTOS, Aparecida de Fátima Trindade dos. **Desigualdade social e dualidade escolar: Conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. *IN: Educação Revista Quadrimestral*. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, mai.-ago. 2018

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. *In: MARTINS FILHO, Altino José & PRADO, Patricia Dias (ed.). Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas: 2011. p. 27–60.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, Manoel Jacinto.; GOUVEA, Maria Cristina Soares (Org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. *In*: **Cadernos do Noroeste**, Porto: v. 13. 2000. p. 145-164. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.envres.2010.05.007>. Acesso em 26 out. 2019

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMAS, Catarina. Políticas Públicas e Participação Infantil. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho (Braga/Portugal). *In*: **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, p. 183-206, 2007. São Paulo: Autores Associados.

SAYAGO, Doris A. V. **A invenção burocrática da participação**: Discursos e Práticas no Ceará. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

SCHMIDT, João Pedro. Exclusão, inclusão e capital social: o capital social nas ações de inclusão. *In*: REIS, Jorge Renato dos; LEAL, Rogério Gesta.(Org). **Direitos Sociais & Políticas Públicas**: desafios contemporâneos. 6t. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito, *In*: **Mana** v.11, n. 2, Rio de Janeiro: out. 2005

SIMÕES, Janaína Machado; SIMÕES, Gabriela Lima. **Reflexões sobre o conceito de participação social no contexto brasileiro**. 2015. Disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo3/reflexoes-sobre-o-conceito-de-participacao-social-no-contexto-brasileiro.pdf> . Acesso em 26 out. 2019

TARUFI, Leandro. **Análise de Discurso**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/527462557/TAFURI-L-Analise-de-Discurso>. Acesso em 20 dez. 2020.

TOMÁS, Catarina. (2013). “Participação não tem Idade” Participação das Crianças e Cidadania da Infância. *In*: **Revista Contexto & Educação**, p. 45-68. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2007.78.45-68> Acesso em 26 out. 2019

TOMÁS, Catarina; MÜLLER, Verônica Regina. Crianças, participação e cidades: uma geografia da infância. *In*: **X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**, 2009, Braga, Portugal. Sessão temática: Braga, p. 1-9, 2009.

TONUCCI, Francesco. **La Ciudad de los niños**: un modo nuevo de pensar la ciudad. Editorial Posadas. Buenos Aires: 2010

TONUCCI, Francesco. Ciudades a escala humana: la ciudad de los niños. *In*: **Revista de Educación**, número extraordinario 2009, p. 147-168

TONUCCI, Francesco. *et al.* **V Encuentro La Ciudad de los Niños** - La Infancia y la Ciudad: Una relación difícil. Madri: Xiana Color Gráfico, 2008.

TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança**. Campinas: Autores Associados, 2008.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!** Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Tradução Jorge Andrade. Instituto Piaget. Lisboa, 1988.

UNICEF. **Participação de Crianças.** 2014. Disponível em:
<http://www.childrightstoolkit.com/wp-content/uploads/toolkit/Portuguese/M3-PT.pdf>. Acesso em 26 out. 2019

WEFFORT, Madalena Freire (coord). **Observação, registro, reflexão – Instrumentos Metodológicos I.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.